

Gaiato

PORTE PAGO

Quinzenário * 4 de Agosto de 1984 * Ano XLI — N.º 1054 — Preço 7\$50

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo



O parque dos «Batatinhas» — os mais pequeninos — no cimo da bela avenida da nossa Aldeia, em Paço de Sousa. Ali *brincam* também alguns mais crescidos...! É rodeado pelas *alminhas* bem portuguesas, um pequenino aviário com as rolas do Cipriano, tileiras, jardins, flores, ar puro — beleza! Neste ambiente natural eles *ressuscitam* para a vida. E mesmo se um ou outro, de início, quando chega, é tentado a fugir — somos a «Porta Aberta!» — retrocede pelo seu pé, motivado pelos baloiços, jardins, flores, vacas, ovelhas, campo de futebol, piscina, escola, pequeninas ocupações, mesa posta três vezes ao dia... Prende-se à vida de Família. — que um ou outro tampouco conheceram...!

Ainda o 16 de Julho

O Evangelho é fonte. Fonte que nasceu da rocha e em riacho saltita de pedra em pedra. Pai Américo foi mesmo à nascente e bebeu. Ficou-lhe no coração a imagem do fundo límpido.

Ousadamente e com certeza foi à «Arca» donde foi capaz de tirar um vestido novo — o Espírito de Deus numa vida de fé.

O Espírito de Deus na sua vida de fé foi a fonte contínua duma nova pedagogia no tratamento do Rapaz da rua; um caminho novo até aos Pobres e Incuráveis; a eficácia, ovo de Colombo, da ajuda aos Autoconstrutores.

Vinte e oito anos depois da sua morte, arde ainda a candea que ele acendeu no cimo do monte.

Celebrámos, pois, o 28.º aniversário da sua morte — festa em todas as nossas Casas. Também aqui nas páginas, queridas dele, do nosso «Famoso».

Aos nossos Leitores amigos comunicamos esta novidade: houve festa. Alegrem-se connosco.

Há tempo, em Fátima, um sacerdote interpelou-nos: «Não vos parece que é tempo de pensar a sério na beatificação de Padre Américo?» Confesso que ficámos confusos com o fulgor do relâmpago. Estava uma tarde linda no recinto. E pensei: Deus conhece os seus santos. Quando Ele quiser, nem os homens nem as montanhas o poderão impedir.

Hoje, ao escrever esta nota, desfolhei as vossas cartas, relativas a aniversários passados e comecei a ler com verdadeiro deleite espiritual:

«A celestial leitura dos seus maravilhosos livros, mais me parece dádiva do Céu ou esmola de amor de um seu eleito. Ainda não é santo, já o é nos nossos corações. Sê-lo-á pelo grito de todos os que clamam a sua bondade e amor. Ergamos hossanas para que tal aconteça breve» — dum Amigo do Porto. «Homem maravilhoso; não tenho palavras para exprimir as maravilhas que fez na passagem por este Mundo! Desta maneira quero juntar-me à vossa alegria» — nossa Amiga D. Júlia. «Sorvi cada palavra, cada página. Li o esplendor da Doutrina do Mestre. Fiquei ávido das suas palavras simples e profundas» — outro Amigo do Porto. «Desde aquele dia, a primeira vez que ouvi o Padre Américo, alguma coisa mudou. Mais tarde, tendo lido os seus livros todos, apliquei a sua doutrina no contacto com uma criança profundamente traumatizada, difícil, desconfiada e sedenta de amor — sem brigas. Durante muitos anos — com teimosia, fé e confiança. Os resultados ultrapassaram tudo quanto eu po-

Cont. na 4.ª pág.

Por
PADRE CARLOS

Reflectindo

Acabo de ler um extenso relatório de um Grupo de reflexão com vários i i na sua longa sigla. Ao lê-lo, julguei ouvir o grito triunfante de «good!» dos relatores de futebol. E sorri, porque logo me ocorreram mais alguns i i: Se se trata de um acto rectamente intencionado, autenticamente idóneo, não meramente ideológico, ele pareceu-me também ingénuo e inútil porque irreal relativamente ao concreto da questão.

Reflectir é bom. Livre-nos Deus dos irreflectidos! Mas nestes dias em que vivemos, é igualmente «bem», a julgar pelo tanto uso que o verbo tem. É que reflectir, ou nasce na acção e da acção para a acção, ou não passa de puro diletantismo, capaz de parir, quando muito, mais alguma teoriázinha. A menos que se trate de vacionados ao Pensamento!

Vejamos, pois, o que o Grupo vai fazer de novo, de exemplar, para que, autorizada a lógica da reflexão pela vida da experiência, possam ser iluminados os que jazem nas trevas.

Inútil, ousei acima acrescentar. Inútil, não; pelo menos para mim nesta hora de escrever, como motivo para retomar por tema uma velha convicção tantas vezes aqui desenvolvida, acerca da qual estamos em perfeita sintonia com o referido Grupo: A nossa recusa ao internamento de crianças como solução privilegiada dos seus problemas oriundos de desordens sociais e morais.

«A glória maior da nossa Obra seria acabar, por não ser precisa» — disse-o e escreveu-o Pai Américo, vezes sem conto. E desde a fundação da primeira Casa do Gaiato, instituiu a tradição de ajudar famílias, sobretudo mães viúvas ou solteiras que lhe pediam o internamento dos seus filhos, se o problema era apenas de pão. O pior é que, imensas vezes, não é só de pão. Há outros problemas, muito variados e graves, muito substantivos, para que se não acha remédio a não ser a solução que todos queríamos des afectar do adjetivo privilegiada!

E que dizer das páginas e páginas em que escalpelizou o asilo tradicional, as formas, as fardas, a clausura, os distanciamentos, todas as espécies de monotonia e despersonalização que foram timbre, sim, de sistemas antiquados e inertes demasiado tempo, mas, felizmente, ultrapassados, hoje, na maioria das Instituições. Graças a Deus, Pai Américo não pregou aos peixes nestes cinquenta anos decorridos.

Quem se der honestamente a pensar e agir movido só pelo interesse das crianças «privadas de meio familiar normal», tem de começar pelas causas que as privam de tamanho bem — e essas residem, mais do que no económico, na degenerescência da Instituição Familiar, na decadência da moral social.

Aqui está o primeiro, um campo imenso de trabalho para os voluntários do bom combate.

Depois, há que doutrinar e mobilizar para as soluções alternativas que desprivilegiem o internamento, em primeiro pla-

no, o reforço do vínculo familiar. Quanto temos nós a aprender do espírito solidário dos africanos, neste capítulo! Tivemos ocasião de o experimentar nos nossos contactos por lá e tomámos a lição e frequentemente dela damos testemunho. Se faltam os pais (por morte ou outras razões, essas, sim, trágicas), há sempre Avós, Tios, Primos, ou Irmãos mais velhos, ou Padrinhos — que são, por dever do sangue ou do compromisso, os primeiros na ordem da suplência.

Mas onde esta consciência entre nós? E como obrigar os que se não sentem obrigados, se falta cobertura legal e o concomitante apoio económico àqueles parentes de crianças privadas de lar próprio que, sendo capazes da missão educativa, carecem de recursos materiais para se desempenharem dela?

Vejamos os Padrinhos e a leviandade genérica desta instituição. Eu conheço deles «profissionais», geralmente gente

Cont. na 4.ª pág.

PELAS CASAS DO GAIATO

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● Ela estava banhada de lágrimas. — *Tenho o meu filho doente. Já gastei muito com ele! Até já tive que vender um presunto para comprarmos coisas para comer...*

Quando criança, esta mulher mais os pais e irmãos — família numerosa! — foram os primeiros habitantes duma moradia do Património dos Pobres. Depois, com a evolução dos tempos, promoveram-se socialmente. A quantos mais sucedeu o mesmo, por graça de Deus! E hoje são, para nós, uma alegria espiritual.

— *V. lembram-se?... Mal casei, eu e o meu home começámos a levantar a nossa casa... Foram anos duros, muito duros, muito duros! Saú-nos do corpo...*

Na altura, demos-lhes a mão. Pequena ajuda, estimulante, para a sua acção como Autoconstrutores.

As lágrimas caíam em bica! A mulher sufocava!

— *Custa-me pedir! Vejam se nos podem ajudar, que a vida está muito cara... Temos de dar de comer àqueles filhos todos...*

Aliviámos mais esta cruz!

PARTILHA — Santa Cruz do Douro, um cheque com a Amizade de sempre. Vilar Formoso, 500\$00 para acudirmos a um problema que referimos oportunamente. «Sinto muito estas misérias — comenta esta Amiga dos Pobres — e gostaria de a todas poder dar remédio, mas infelizmente não posso mais...» Outro cheque de Baguim — Rio Tinto. 1.000\$00 de uma Anónima de S. Pedro do Sul. Outros mil, da mesma localidade. E mais mil do assinante 20322 para «serem entregues a uma ou duas Viúvas com filhos». Sublinhamos o extraordinário cuidado dos nossos leitores pelas Viúvas — que desejam criar os filhos mas não têm quê...! Quando será ouvida a sua voz?!

Póvoa de Varzim, 1.000\$00 em vale de correio. Assinante 12582, de Armamar, remanescente de contas pela recepção do PÃO DOS POBRES. 500\$00 de «Uma cristã do Porto» para a «heróina que quer salvar os filhos com dignidade. Deponho essa pequena ajuda, com veneração, nas suas mãos de Mãe e Mulher». Exatamente como manda o Evangelho...!

Lisboa, vultoso cheque da assinante 27385, com «um abraço fraterno» que retribuimos na mesma proporção — em nome dos Pobres.

Silêncio! Ouçamos a voz dos Pobres, dumas velhinhas alojadas numa dependência das Irmãs das Pobres:

«Enviamos 500\$00, não em carta registada, mas à conta de Deus, de Nossa Senhora do Carmo — que o dia d'Ela é amanhã.»

Valores sacratíssimos! Que são Doutrina — e luz da Luz!

Assinante 24025, 300\$00. Aquela Amiga que nos visita assiduamente, deixa 1.000\$00 em nossas mãos, com o carinho de sempre, para os Pobres. Pompília, 1.500\$00. Vila Franca

das Neves, o costume: 500\$00. Amigo do Fundão, a remessa habitual. Um bancário do BPA, 2.000\$00 com discrição. Por intermédio do Espelho da Moda: 3.000\$00 sob anonimato; assinante 16301, de Águas Santas, 800\$00; assinante 13519, do Porto, 500\$00; assinante 3359, também da Invicta, 350\$00; Rosalina, 200\$00; «uma portuense qualquers», a habitual «migalhina de Junho e um pouco mais retirado do subsídio de férias». Tanta generosidade!

Em nome dos Pobres muito obrigado.

Júlio Mendes

Paço de Sousa

CASAMENTO — No dia 15 de Julho foi o casamento do Miguel e da Celeste.

(Mais uma vez nos sentimos alegres. A nossa Capela bem enfeitada e o grupo musical — onde o Miguel actua já há anos — operacional. Presidiram os nossos Padres e a cerimónia litúrgica foi muito bonita, encheu a alma de todos os presentes.

Depois, houve fotos e mais fotos. Abraços e mais abraços. E um almoço melhorado com dois pratos. A mesa dos convidados estava cheia. Pessoas alegres!

A festa continuou pela tarde, com a boa disposição de toda a comunidade.

Fazemos votos para que o novo casal seja muito feliz.

16 DE JULHO — Todos os anos festejamos, com alegria, o dia de Pai Américo.

Desta vez fomos, em passeio, ao Alto Minho. Admirámos as paisagens do Cávado e da serra do Gerês.

A santa Missa foi celebrada ao ar livre. Depois, a malta banhou-se no rio e, após esta refrescadela, almoçámos no mesmo sítio onde celebrámos a Eucaristia.

Demos um salto a S. Bento da Porta Aberta, cuja igreja é grande e bonita. Visitámos a barragem de Vilarinho das Furnas, que está a funcionar. Uma grande obra de engenharia!

Tenho a certeza de que todos gostaram do passeio. Chegámos a casa perto das 21h. Alguns dos mais pequeninos diziam: — *Quando vem outro passeio assim!?*...

Agradecemos ao Senhor o dia que nos deu, já que o passeio foi realizado com o pensamento em Pai Américo — Pai de todos nós.

FÉRIAS — Enquanto a malta que está na praia de Azurara (Vila do Conde) não dá notícias, adiantamos que já terminou o primeiro turno e, pelo que dizem, correu muito bem. Queimadinhos do sol que Deus nos dá — até para que possamos ter umas boas férias!

O segundo turno já goza as delícias da praia. São os mais pequeninos, os «Batatinhas». Partiram cheios de alegria!

Que Deus lhes dê sol e bom tempo. Durante a saída deste número do O GAIATO partirá o 3.º turno. Que sigam na paz de Deus e aproveitem

estas férias que não teriam — se não fosse a nossa Obra.

Aproveitamos a oportunidade para desejar boas férias a todos os nossos Leitores — aqueles que possam, realmente, ter esta oportunidade...

VISITAS — Continuam as visitas à nossa Aldeia, em Paço de Sousa. «Nós somos a Porta Aberta!» Aqui nada se esconde. Vivemos às claras. Quem quiser saber da nossa vida, e conhecer-nos em todo o sentido, nem precisa de pedir para entrar. O portão está — sempre esteve — aberto para toda a gente.

Estava eu a dizer que cresce o número de visitas, pessoas de todos os lados, de todo o País. Nós ficamos muito contentes! Venham conviver connosco e, principalmente, conhecer a nossa Obra, querida e amada por milhares de portugueses espalhados por todo o Mundo.

«Chinês»

Setúbal

DESPORTO — Já há muito que não escrevo! Pois agora começo pelo Desporto. Os miúdos realizaram quatro magníficos encontros, dos quais três aqui em Casa e o outro em Algezur. Bom futebol e comportamento evidenciados por eles. Eis os resultados alcançados: 4-0 a uma equipa de Setúbal, 4-0 ao Algezur, 7-0 a um Colégio — tendo conquistado um troféu — e, finalmente, derrota 0-2 frente ao Algezur no seu campo de jogos. Falando dos «maiores», dos mais velhos: realizaram oito jogos com um empate e o resto vitórias. Os resultados: 9-1, 3-1, 11-0 a um grupo do Faralhão; 2-2 à Mague; 7-2 aos Convivas; 5-1 à Quinta do Anjo; e, por último, 2-0 a ex-gaiatos, na festa aqui realizada. Resumindo: o melhor conjunto que defrontámos — a Mague. Em evidência, também, os antigos Gaiatos — pois é disso que a malta precisa.

O Grupo Desportivo foi sobressaltado por uma magnífica oferta de dez mil escudos destinada à compra de chuteiras! Elas já cá estão, são boas, mas existe ainda tanta coisa por fazer...! Esperamos a todo o momento algo que nos possa ajudar neste difícil trabalho. Pois o que nos dá pode transmitir confiança e moral à nossa organização desportiva.

CONVÍVIOS — Fomos visitados, pelo menos duas vezes, por jovens do Faralhão, gente cheia de curiosidade em conhecer a nossa Obra. Trouxeram Amizade e mais ainda: herbigões e ameijoas.

Também nos visitou a velha e tradicional amiga Quinta do Anjo. Trouxeram uma banda, danças e cantares. Estiveram presentes, não todos, na Santa Missa. Houve futebol, piscina e festa — que nos ofereceram em troca da nossa.

Há ainda muita gente que não nos conhece, que ouve falar ou lê O GAIATO e fica tudo na mesma. Visitou-nos um grupo do Seixal e pela conversa que trocámos afirmaram alguns: «Já há muito que

ouço falar disto, mas nunca soube o que isto era...» É verdade! Ainda existe muito desconhecimento e o melhor remédio é uma visita à nossa Casa — para conviverem uns instantes connosco.

ANO LECTIVO — Terminou o Secundário e começaram as desejadas férias. O ano não foi de todo infeliz: Os alunos do regime diurno todos transitaram e nos do regime nocturno houve alguns «chumbos».

Outro ano lectivo há-de vir e até lá as coisas irão recompor-se.

ENCONTRO — Mais uma vez os antigos Gaiatos se reuniram em nossa Casa. Foi o 5.º Encontro. Estiveram presentes tantas caras, tantas saudades e tantas amizades! Como sempre, a santa Missa, a piscina, o jogo de futebol, o almoço foram a grande Festa. Para o ano haverá outro, se Deus quiser e sempre com alegria!

PISCINA — Chega o Verão e nada melhor, em nossa Casa, do que

uma piscina para sacudir o suor e o calor. Aqueles que não sabem nadar começam a ter a sua oportunidade. Quando se chega do trabalho do campo é só tirar a poeira e toca a banhar — uma diversão para cada um de nós.

FÉRIAS — Já estamos acampados na Arrábida desde a primeira semana de Julho. Está lá o grupo dos mais pequenos e já se vê o bronzeado na pele deles! Para Agosto vai outro grupo, os mais velhos, também para se bronzear e descontraír.

A Arrábida é um local de férias preciosas!

Desejo a todos os portugueses, especialmente àqueles que vivem com bastantes dificuldades, possam trocar um pouco as preocupações por um pouco de bem-estar. Boas férias a todos!

César Amante

Retalhos de vida



BENTO

O meu nome: Carlos Manuel Bento Santos.

Quando vim para a Casa do Gaiato de Paço de Sousa havia já muitos Carlos. Então, para me distinguirem, começaram a chamar-me Bento.

Nasci em 12 de Fevereiro de 1971, em Carviçais (Trás-os-Montes). Tenho 13 anos e passei, agora, para o 8.º ano de escolaridade. Estou, aqui, há seis anos.

Só tenho mãe. O meu pai morreu de doença. A minha mãe teve que me criar sozinha e a meu irmão e irmã.

A minha mãe mantinha-nos com um dinheiro que a Câmara oferecia, porque era difícil ela arranjar emprego — não tinha o diploma da quarta-classe. Apesar de tudo — e como não queria que essa desgraça caísse sobre nós — pôs-nos a estudar. Na minha terra fiz a 1.ª classe. Depois, a professora pediu à Casa do Gaiato para nos acolher, e a minha irmã seguiu também para um estabelecimento de raparigas, em Moncorvo.

Gostamos muito de estar na Casa do Gaiato. E eu, quando for grande e se Deus me der essa graça, quero imenso ser padre. Nesse sentido, vou para o Seminário de Bragança no próximo mês de Outubro.

Na hora da despedida, os Leitores recebam um grande abraço e peçam a Deus para que eu seja um grande padre — se lá chegar.

Carlos Manuel Bento Santos

Aflitos com a falta de vocações, este raio de luz é centelha de esperança em nossa aflição.

Deus te ajude, Bento!

Que sejas semente... e venham espigas louras alimentarem a nossa fé.

Padre Telmo

NETOS DA OBRA DA RUA



O Nuno Ricardo, filho da Ana e do João Júlio («Timpanas»).



A Carmen Marlene, filha da Noémia e do José Maria.



A Cristina Andrea, de 20 meses, filha da Maria José e do Hermínio.

É uma coluna que define a Obra da Rua — as Casas do Galato! Que exprime o gosto da maior parte dos Galatos já casados — ao serviço do País em todos os ramos d'actividade — ver publicados os retratos dos seus filhos no nosso Jornal. Eles vieram do sub-mundo da Miséria para nossas Casas e, agora, sem complexos, têm o prazer de mostrar a vida diferente de seus filhos. Não é, por isso, uma coluna elegante, de vulgar bisbilhote social, mas um singelo e fortíssimo elo de ligação entre nós; alguns dos quais também exprimiram n'O GALATO, pelo seu punho, a sua opinião.

● O quarto Encontro geral dos antigos Gaiatos, no domingo, um de Julho, vigésimo nono aniversário desta Casa do Gaiato de Setúbal, foi um acontecimento digno de registo.

A convocação da malta pertenceu à Associação da «Comunidade O GALATO» que os antigos Gaiatos criaram em 1980. O Crizanto, presidente daquela Associação, expediu para vários pontos do País, do Globo, duzentas e tal circulares. Apareceram mais de setenta antigos Gaiatos com suas mulheres e filhos!...

Foi muito belo contemplar o abraço mútuo deles, em comovida saudade e a convivência de um dia inteiro recordando os bons e maus momentos passados nesta Casa!

A não ser em dois casos, todos expressavam no brilho da face a sua dignidade humana e a felicidade comunicativa de serem Gaiatos!

Se Pai Américo, há vinte e nove anos, quando abriu esta Casa, tivesse antevisto um dia assim, rebentaria de júbilo; ele que sabia, como ninguém, gozar e exprimir as horas felizes! «Se fosse só um que nós salvássemos teria valido a pena!... Mas eles são tantos!» — contava ele num final das Festas no Coliseu do Porto.

Vir às fontes, ao «Santuário» — como chamou o Fundador às nossas Casas — é para os Gaiatos mergulhar na pureza do ambiente, refrescando a consciência e avivando nela os princípios com que a Obra da Rua informou a vida de cada um.

Continuai! Reflecti no que a experiência demonstra: Quanto maiores forem os sacrifícios e dura a luta inicial, mais fartos e saborosos serão os frutos!

Os vossos irmãos Gaiatos valem tudo!... Nem que fosse só um que a Associação chamasse!... Mas... eles já são tantos!... Que no Centenário de Pai Américo não fique ninguém na sombra!

● Há dias, no carro, enquanto governava a vida, abri o rádio e ouvi da boca do ministro mais recente, que o Governo do nosso País não era mais que a administração de um grande asilo onde os funcionários públicos se haviam acolhido! Não é original a afirmação, mas é sadio que seja proferida por um membro do Executivo. Há meses utilizei a mesma imagem para me queixar da mentalidade parasita do funcionalismo, sorvedoura dos impostos de quem trabalha!

É claro que ainda há excepções, embora escassas!

Senhor ministro não se deixe asilar! Seja o primeiro a fazer do seu lugar público um posto de trabalho e de rendimento para a Nação! Olhe que a torrente imoral, mãe da crise em que vivemos, só encontrará dique se os responsáveis

do Estado mudarem de vida! Se os seus exemplos prosseguirem, bem podem pregar e apresentar planos!... Tudo será vão.

● Um pequeno empresário desabafava comigo há dias: — Olhe a pouca vergonha a que isto chegou! Um fiscal avisava-o de que daqui a oito dias iria ver as suas contas!

O ano passado apareceu a horas do almoço. Abriu o livro, olhou o relógio, exclamando: — Nem reparava que são horas de almoçar! É claro, levou o almoço bem regado e vinte contos!

«Este ano já se está a fazer ao mesmo! Até tenho nojo! Está tudo em ordem, mas se a gente os não engraxa, arranjam sempre complicações!»

Será que os responsáveis não sabem que os grandes corruptos são alguns dos que se apresentam como fiscais da corrupção?!... Em todas as frentes?!...

Há escritórios abertos somente para passar atestados médicos a pseudo-doentes justificando mil e uma aldrabices sem que o clínico que os assina conheça sequer a pessoa atestada!

A Ordem dos Advogados veio para a rua protestar porque a determinados detidos se limitava o acesso aos seus advogados! Não saberá a Ordem das centenas e centenas de Pobres que nas prisões do nosso País aguardam meses e meses a apreciação do seu

processo em longa penúria de incerteza e angústia? Ou a Justiça e a Verdade deixaram de ser o primeiro objectivo da advocacia?



Ernesto Pinto. É um nome conhecido de todos os Leitores. Durante duas décadas e meia assinou artigos e crónicas no «Famoso», sendo as de maior relevância intituladas «Filhos de pai incógnito».

Gaiato desde os alvares da Obra da Rua, conheceu bem Pai Américo e estreou-se como actor no filme «Não há rapazes maus».

Tendo passado pelas prisões saboreou bem todo o peso que a vida abandonada comporta.

Dedicou a sua vida à Obra da Rua, sendo o seu lugar a meu lado, nesta Casa, como responsável da carpintaria.

Uma terrível doença do foro psíquico minou-lhe as forças e os projectos, sendo durante largos anos mais cruz do que cireneu.

Homem de alma grande e espírito rasgado — num corpo franzino e fraco! O Ernesto adormeceu no Senhor no dia 12 de Julho — triturado pela doença que lhe arrancou a vida!

Que com Pai Américo e outros Gaiatos sejas o nosso intercessor: é agora a tua obrigação, Ernesto! Teu

Padre Acílio

Novos Assinantes de O GAIATO

Os postais RSF que enviámos aos nossos Leitores — por mor do 4.º volume do PAO DOS POBRES — acordaram muitos deles que nem sempre topam os nossos pequeninos distribuidores d'O GALATO. Por isso, tem sido uma procissão de gente, mais disposta a receber o jornal em casa do que procurá-lo na rua.

Em Esposende, o nosso Padre Telmo pregou o «Famoso» à hora das Missas e trouxe mais 220 assinantes! Todos os que conheciam a Obra da Rua só de nome, ficaram a conhecê-la melhor. E mais: lançou a inquietação nas almas daquela gente da beira-mar.

Amigos há que arrastam outros pela Fé que os move — e chegam ofegantes!

Damaia de Baixo:

«Junto uma lista de 24 pessoas que querem ser assinantes d'O GALATO — e que eu tenho muito gosto em os ter conseguido. Espero e desejo que todos cumpram. A grande maioria são colegas meus, na empresa onde trabalho.»

Agora, vem lá uma algarvia braço-dado a um grupo de novos Leitores de Odemira e Portimão. Por modéstia, não referimos um hino lavrado em honra do «Famoso»!

No meio da procissão descobrimos, ainda, um grupo muito juntinho, de Louriceira de Cima (Arruda dos Vinhos).

É tão grande o entusiasmo de alguns pela expansão d'O GALATO que até nos dão notícia das suas acções pelo telefone! Horas deliciosas!

Não podemos deixar de sublinhar, no entanto, o interesse de muitos pais em transmitir aos filhos o gosto pela leitura d'O GALATO, despertando-lhes carinho e amor pela Obra da Rua.

Rio Tinto:

«O meu filho é ainda muito novo, só completa os 12 anos agora, em Agosto. Mas já gosta de ler O GALATO quando vem a casa, pois está no Seminário. Por isso, antes que ele o leia, os outros irmãos o fazem — e, creio, com proveito.»

Por todo o bem que O GALATO nos tem feito, muito obrigado.»

Já que o espaço não dá para mais, aí vão os pontos de partida da procissão: Tondela, Aveiro, Linda-a-Velha, Rio de Mouro, Cascais, A-dos-Cunhados, Torre de Moncorvo, Arganil, Coimbra, Bombarral, Faro, S. Mamede de Infesta, Maia,

Cont. na 4.ª pág.

4.º volume do PÃO DOS POBRES

Todos os dias úteis seguem livros para o correio! O nosso Faustino nem sempre aguenta sozinho. Têm de ir um ou dois ajudá-lo nos despachos.

Parece que atingimos a perfeição: as requisições chegam e são aviadas no próprio dia!

Além do 4.º volume do PÃO DOS POBRES — delícia para milhares de leitores — há quem peça outros títulos para completar a colecção de obras editadas pela nossa Editorial. Alguns Amigos, repetimos, vão mais além, requisitam todos os títulos de Pai Américo, não esgotados: Pão dos Pobres (1.º, 2.º, 3.º, e 4.º volumes), Obra da Rua, Isto é a Casa do Galato (1.º e 2.º volumes), Barredo, Ovo de Colombo, Viagens, Doutrina (1.º, 2.º e 3.º volumes). Mais: Subsídios para o estudo do pensamento pedagógico do Padre Américo, do Dr. João Evangelista Loureiro; e o Calvário, de Padre Baptista.

Do nosso local vemos o «Punk» — voz de trovão! — a «meter em capa» livros que já falham na estante. E Carlitos apara, na guilhotina, outros de reserva.

Noutro lado, «Macieirinha» e Faustino preparam nova remessa para despacharem nos CTT. Um mundo de vida! Mais acentuada com o barulho dos pequenitos, que dobram a última edição d'O GAIATO, enquanto o «Engenheiro» salta dum lado a outro à cata de chapas para rectificar endereços d'assinantes. Um mundo de vida! Obra deles, para eles, por eles — a Obra da Rua, que, na história recente do nosso País, tem sido um dos esteios para subtrair muitos Farrapões da rua ao banco dos réus; terapêutica preventiva para a cura dos males sociais! «Esta paixão (a Obra da Rua, as Casas do Galato) — afirma Pai Américo na página 68 do 4.º volume do PÃO DOS POBRES — esta paixão nasceu-me dentro da alma no tempo em que me ocupava a ver presos na cadeia, e aprendi de cor que aquele homem repele, dado como incorrigível pelos oficiais da justiça e entregue aos ferros por tempo sem fim — esse homem foi uma adorável criança nascida num berço triste.

Aborrecida da mãe que viu nele uma desgraça; aborrecida do Mundo que o toma por um ser perigoso — como e a quem podia aquela criança amar?! E aqui mesmo nesta ausência de amor, começou a série de crimes praticados pelo nosso condenado! Pois não será assim. Virei as costas ao Condenado e o rosto à Criança da rua, para que o não venha a ser. Ora aqui tens».

A correspondência dos nossos leitores — por mor do 4.º volume do PÃO DOS POBRES — é de se lhe tirar o chapéu! Almas exuberantes. Muitas cartas e postais são luz da Luz. Aí vai uma pequenina amostra que serve de partilha e comunicação. Não interessa quem, tão pouco a sua posição social. São almas que vibram com a Mensagem do Mes-

tre, transmitida por Pai Américo — no seu estilo ímpar.

Lisboa:
«Recebi o PÃO DOS POBRES que estou lendo com a «avidez» que o coração me pede, «devagarinho», que os meus olhos enfraquecidos não permitem mais. A vontade e paixão que sinto de receber a Mensagem do nosso querido Pai Américo já me levam à página 270...»

Viseu:
«Acuso recepção do PÃO DOS POBRES cuja proveitosa leitura já iniciei com o maior entusiasmo e comoção.

Os livros do Padre Américo são autênticas páginas do Evangelho transplantadas para a época actual, que deveriam ser bem meditadas por esta sociedade consumista, onde impera o mais sórdido egoísmo.

Obrigado por mais este livro que veio enriquecer a minha biblioteca e que merece a maior

difusão, pois as verdades duras que ele encerra são a melhor resposta às palavras demagógicas que nos transmitem diariamente até à saturação.»

Porto:
«O 4.º volume do PÃO DOS POBRES é o 5.º Evangelho, o meu livro para meditação antes de me deitar. Tudo ali é substância e vida já projectada para a Eternidade. Conheci o Padre Américo, tinha eu 17 anos, quando ia passar férias a Cête. Nessa idade, porém, não podia entender a Obra da Rua em toda a sua grandeza, ainda que já a amasse. Leio e releio o PÃO DOS POBRES, fico com o tal nó na garganta e rezo para o Senhor da Vinha não me esquecer e tornar-me disponível...»

O mundo das almas!

Júlio Mendes

REFLECTINDO

Cont. da 1.ª página

de dinheiro ou posição social, a quem ouço gabarem-se do número imenso de afilhados. Pois não seria um valor (e sintoma de uma consciência esclarecida) que eles restringissem esse número de modo a poderem responder eficazmente às necessidades de corpo e alma dos afilhados, se as circunstâncias deles a tal os chamassem?

Aqui temos outro campo aberto à intervenção, mormente entre pessoas que se dizem cristãs, mas não estão mentalizadas para assumir como hábito (ao menos potencialmente) as responsabilidades decorrentes do acto do Sacramento.

Novos Assinantes de O GAIATO

Cont. da 3.ª página

S. Cosme (Gondomar), Custóias (Matosinhos), Senhora da Hora, Paço de Arcos, Queluz, Mira, Santa Cruz do Bispo, Matosinhos, Mangualde, Barrocal do Douro, Miranda do Douro, Bragança, Póvoa de Lanhoso, Santiago de Antas, Parede, Tires, Amadora, Cadaval, Rio Tinto, Carvalhos, Gondomar, Fornos (Lagoaça), Balsamão (Macedo de Cavaleiros), Várzea de Ovelha (Marco de Canavezes), Alenquer, Corroios, Loures, Vilar do Pinheiro, Ermesinde, Valbom (Gondomar), Vila Nova de Gaia, Póvoa de Varzim, Vila do Conde, Funchal, Algueirão, Moita, Penafiel, Espinho, Albufeira, Santo Tirso, Condeixa a Nova, Ilhavo, Perafita (Matosinhos) e Dusseldorf (República Federal da Alemanha).

Júlio Mendes

A adopção, o recurso a amas... — outras soluções possíveis, mas que, em regra, só são praticáveis na primeira infância. E os problemas que surgem mais tarde?...

E quanto a amas, há delas e delas. Há as que se prestam a tal com espírito e dedicação, como um modo, mesmo, legítimo, de realização pessoal. Porém, muitas outras, infelizmente, agem em perspectiva mercantil. Ao longo da nossa vida, quantos Rapazes recebemos de tal origem, alguns tão marcados pela exploração em que foram o pretexto.

Aliás, quando se fala em pessoal devidamente preparado para lidar com crianças precocemente feridas por sofrimentos profundos — que se entende? Uma preparação técnica em ciências humanas?...! Sim, ela não faz mal a ninguém (e às vezes, até faz!). Porém, antes dela, mesmo sem ela é infinitamente mais precioso o dom de si próprio, que não é dado a todos, que é mesmo muito raro.

Não foi por poesia, mas por saber adquirido em muitos anos de tarimba, que Pai Américo perguntou: «Quem ensinou a mãe a dar o peito aos filhos?»; e falou dos pelicanos, as aves que picam o seu peito para alimentar os filhotes com o seu sangue. Há falta deles?... Aí, se há! Tenham a consciência disso e sejam humildes os que debitam palavras em lugar de vida.

Sim, há tanto que fazer neste campo de luta onde estiolam vítimas inocentes dos desvarios dos adultos!

As causas, vamos às causas! — nisso consiste a inteligência e a verdade do processo.

Padre Carlos

PARTILHANDO

● O «Trofa» é irmão do «Nando» e veio dos lados da Trofa. Daí o apelido assim. Um destes dias e por causa dos cães vadios que perturbam o nosso rebanho das ovelhas e cordeirinhos, torceu um pé! Vieram-mo trazer para ir ao hospital. Lá fomos sem dúvidas nem perguntas, pois «Gágá-zito» apresentou-mo ao colo com recomendações de muito urgente. Deixei o que estava a fazer e pusemo-nos a caminho. Pela estrada adiante só não businei, mas sempre por vergonha. À entrada para a urgência o «Trofa» diz-me assim:
— Não me dói quase nada e posso andar pelo meu pé...

Indeciso perante o inesperado, respondi-lhe meio atrapalhado:

— Agora, tens que dizer ao sr. doutor o que te dói, se não que é que ele vai pensar?

Tudo muito bem combinado. O pésto bastante inchado e o médico pergunta: — Dói-te muito? A resposta saiu com muita simplicidade: — Não; dói pouco. O que tenho mais é tosse. O raio X nada acusou de especial. E enquanto esperávamos o médico para fazer a receita da pomada para o pé e do xarope para a tosse, o «Trofa» não perdia tempo nenhum a falar da sua e nossa vida:

— Sabe onde eu gosto mais de estar?

— Onde é? — pergunto eu, ignorante.

— É na Casa do Galato.

— Porquê? — insisto, por curiosidade.

— Porque aqui não passo fome e tenho muitas coisas boas.

— E lá?... — questiono eu, sabedor.

— Éramos pobres e passávamos fome...!

Eis o mundo real de muitos filhos do nosso País!

O «Trofa» tem oito anos. A sua mãe perdeu-se no álcool e deu o seu lugar a outras. Por isso, ele e o Nando procuravam fora de casa o lugar perdido. Agora, está encontrado. É ele que o diz com a verdade toda de criança feliz. Ninguém lhe ensinou que esta era a sua verdadeira casa. Foi ele que aprendeu!... Meu Deus, ainda há quem não acredite!... A voz da verdade destas crianças é grito de fé em Ti.

O «Trofa», neste momento, está à beira-mar e corre feliz na areia atrás da bola antes de se sentar à mesa onde reza e come todo o amor que temos por ele. Assim foi que ele se despediu da miséria! Até sempre, se Deus quiser!

● Havia casamento ao outro dia: O Miguel e a Celeste unidos por amor. Ora, ao «Quicas» parecem-lhe demais as obrigações para aquele dia:

— Não pode ser! Eu tenho duas faxinas, amanhã!

— Então, diz-me lá, o sacristão é refeiteiro?

Achei oportuna a reclamação do «Quicas!» Não está bem. Duplo emprego e tanto desemprego! De refeiteiro nada sei das suas qualidades especiais. De sacristão sei o que vale. Já aqui falei disso e mais uma vez ele fez a reclamação da sua veste branca para a cerimónia. Tão feliz como os noivos!

Assim, eis a nossa Família a crescer!

Padre Moura

Ainda o 16 de Julho

Cont. da 1.ª página

deria esperar. A criança fez-se homem consciencioso, sincero e venceu-se a si próprio.

Quantas graças eu devo a Deus, a Padre Américo e seus ensinamentos! O que me sucedeu a mim é uma gota de água num lago de «bem-fazer». Por isso venho dar fé e depoimento» — da nossa Amiga V. Gonçalves P.

Quem me dera o Jornal todo para nos continuarmos a deleitar e edificar com os vossos testemunhos maravilhosos!

Aqui e agora encontro muito oportuno — fazer por todos um voto de confiança total em Jesus Misericordioso. Cientes da nossa pobreza, vamos confiar n'Ele. E, neste aniversário, mais uma vez, entregar em Suas mãos a Obra que é d'Ele.

Sem dúvida, o nosso gesto implica uma urgente e profunda tomada do sentido de nossas responsabilidades. Um abraçar e purificação do verdadeiro e específico sentido da Obra — os mais pobres.

Padres, senhoras, casais obreiros, chefes, rapazes da Obra da Rua...

Responsáveis, todos, não tanto pelo «nome» mas por sua vivência no mundo; seu empenhamento no serviço dos Pobres; pela união fraterna entre nós e, sobretudo, pelo nosso espírito de serviço.

Com fé, e dentro deste espírito, tornemos cada vez mais fortes os elos entre todos os membros da nossa grande Família.

Padre Telmo



Depósito Legal: n.º 1239

Titragem média por edição no mês de Julho: 53.875 exemplares — sem sobras.